

Luanda, Angola 09/09/2008 20:54 (LUSA)

**** Henrique Botequilha, da Agência Lusa ****

Papel dos media estatais questionado após vitória do MPLA

Luanda, 09 Set (Lusa) - A imparcialidade dos órgãos de comunicação social estatais angolanos durante a campanha eleitoral está a ser questionada por observadores internacionais e oposição em bloco, na ressaca da vitória do MPLA nas legislativas de 05 de Setembro. Hoje, o estatal Jornal de Angola (JA) traz em manchete a "Vitória do MPLA" e uma chamada à primeira página com uma fotografia de Isaías Samakuva e o título "UNITA aceitou a derrota". Até à vitória do MPLA nas legislativas, a presença do partido no poder nas capas do único diário nacional foi muito mais frequente, durante o mês de campanha, do que as imagens do principal partido de oposição. Mas também a Rádio Nacional de Angola (RNA) e a Televisão Pública de Angola (TPA) têm sido alvo de críticas de todos os partidos de oposição e de vários observadores internacionais às eleições de 05 de Setembro.

A mais contundente veio da Missão de Observação da União Europeia (UE) às eleições angolanas, que acusou os media estatais de "uma cobertura da campanha eleitoral geralmente tendenciosa, favorecendo o partido no poder". Enaltecendo a concessão aos 14 concorrentes de tempos de antena, de forma igual e gratuita, o relatório da missão da UE considera porém que "a desigualdade na distribuição do tempo e espaço dedicados às actividades de campanha, assim como à difusão de programas e notícias sobre projectos de desenvolvimento e inaugurações levadas a cabo pelo Governo, deixou os restantes partidos concorrentes em situação de clara desvantagem em termos de acesso aos meios de comunicação públicos.

Para o director de informação da TPA, Manuel da Silva, trata-se de "uma visão dos observadores" que prefere não rebater. "De qualquer forma há indicadores claros de que os tempos de antena foram iguais para todos os partidos políticos", salienta. A cobertura da televisão pública das iniciativas das forças políticas concorrentes teve muito a ver com "o que cada partido realizava e dependia muito da sua capacidade de mobilização", diz Manuel da Silva. "Não houve nada que tenhamos fabricado a favor deste ou daquele partido", sublinha. Por sua vez, o director do JA, José Ribeiro, considera "sem fundamento" as observações da missão da UE: "Não nos revemos nas suas críticas", afirma, acrescentando que o jornal seguiu "uma linha profissional, isenta e imparcial". Do ponto de vista de interesse jornalístico, José Ribeiro declara que as actividades do MPLA foram superiores "em quantidade e qualidade" às do maior partido da oposição angolana, UNITA, salientando que o JA aguarda desde Junho por uma entrevista que solicitou a Isaías Samakuva. Segundo o sociólogo Paulo Carvalho, autor de um estudo sobre o comportamento da comunicação social angolana, que está ainda a finalizar, houve um "claro exagero" do

espaço concedido pelos media estatais às iniciativas do MPLA e do Governo. A Agência Lusa contactou o director da Agência Angolana de Notícias (ANGOP), Manuel Conceição, mas este escusou-se a comentar o assunto, e o da Rádio Nacional de Angola, Eduardo Magalhães, remeteu para mais tarde o seu comentário. Também o director nacional da Informação do Ministério da Comunicação Social, José Luís de Matos, rejeitou pronunciar-se sobre as declarações proferidas pelos observadores internacionais nas eleições legislativas